



Isaiás CDs
Empresário

O espírito retirante de um contador de histórias que coleciona pedras nos bolsos

"Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra"

Carlos Drummond de Andrade

Era uma vez um contador de histórias. Desses que narram casos da vida real; desses que são protagonistas dos próprios *causos*. Do tipo cuja base de inspiração são os obstáculos da trajetória pessoal. Todo bom contador de histórias caminha de mãos dadas com o dom da oralidade. Tacitamente, arma estratégias para mergulhar na mente do público, e dele prender a atenção.

A julgar pela impaciência com que se expressa, Antônio Isaías Paiva Duarte é o tipo de contador de histórias que parece não ter tempo a perder. Aspalavrassaematropeladas. Quase não são pronunciadas com a articulação devida. As frases... Ele interrompe. Vem, vai, volta, esquece como começou a contar, emenda com o que o pensamento acelerado quer traduzir em verbo. Numa contação de histórias pragmática, em sala de aula, a dicção imprecisa de Isaías como narrador teria tudo para dar errado, poderiam pensar os pedagogos e professores. Mas ele desconhece técnicas discursivas e ensinamentos categóricos: nunca pisou numa escola. Aprendeu a ler e escrever "com o mundo", define.

Entre uma frase e outra do discurso, é frequente o riso; mas um riso contido, que concede ao ritmo da narração a medida certa da pressa. Velocidade sôfrega de quem quis ser adulto antes do tempo. Fugiu de casa aos 11 anos de idade. Uma carona de caminhão conduziu-o da vida pacata no interior de Santa Quitéria ao movimento desordenado da capital Fortaleza. Precocidade de um destino anunciado por previsões invisíveis. Ou seriam divinas? Estava predestinado a acontecer: alguém precisa viver para contar história.

Se as oportunidades são como cavalos selados que só passam uma vez, como sustenta o ditado popular, Isaías soube montar todos que lhe cruzaram o caminho. Já não se fazem contadores de histórias com espírito nômade e pés retirantes como os de Isaías. Histórias com pedras no caminho,

mas final feliz, o nosso contador de histórias traz uma coleção. Isaías CDs, como o próprio apelido poderia supor, não coleciona CDs, mas pedras: lembranças de trajetos percorridos.

No meio do caminho tinha (mais de) uma pedra. Fatigados por serem depósitos de percalços há 36 anos, os bolsos carregam as pedras que o ex-vendedor de pastéis, ex-metalúrgico, ex-servente, ex-vendedor de picolé, ex-vaqueiro, ex-zelador e ex-homem do cafezinho aceitou despejar na mesa da nossa revista. Experiência acumulada por quem teve encontros quase diários com a morte enquanto a vida crescia dentro dele. Nos primeiros meses em Fortaleza, conviveu com usuários de drogas e pediu esmola para comer.

A casa de Isaías, parafraseando a canção de Vinícius de Moraes, não tinha teto, não tinha nada, ninguém podia entrar nela não, porque a casa não tinha paredes. Um papelão de embalagem de geladeira bastava para abrigar o corpo pequeno da criança Isaías. E esse foi o colchão do retirante nas primeiras noites das ruas gélidas da Capital. Ao longo do percurso do nômade retirante, várias pessoas ajudaram-lhe a retirar pedras do caminho. Certo dia, até um cavalo selado resolveu cruzar-lhe o trajeto. Com a herança genética de vaqueiro no espírito, Isaías montou-o com destreza e pegou um atalho na direção indicada pelos informantes. Assim descobriu o mundo do forró.

É pelo jeito esperto e ar moleque de Isaías que se reconhece um forrozeiro. Dono de uma força magnética, nosso contador de histórias é capaz de alterar a atmosfera de uma sala, mal entra nela. Sacode, sacode. Parece que a batida acelerada do forró é o sangue que lhe corre nas veias. Não poderia ser diferente, mas poderia cansar menos.

Para entender o homem que cogita se aposentar aos 40 anos de idade, é preciso compreender a criança que reside na essência precoce. Tão infantil quanto inacreditável, a criança que se desenvolveu antes do tempo por querer ser adulto hoje inverte os papéis: ainda se sente criança. Um menino no corpo de um homem. Para entender os percalços do nosso contador de histórias, só ouvindo-o narrar a própria história.

Equipe de Produção:

Igor Gadelha
Juliana Diógenes

Texto de abertura:

Juliana Diógenes

Participação:

Igor Gadelha
João Victor Sales
Juliana Diógenes
Mariana Freire
Nayana Siebra
Pedro Vasconcelos
Raiana Soraia
Raissa Câmara
Ranniery Melo
Roberta Tavares

Fotografia:

Marina Mota

O espírito de equipe contador de histórias colecção de histórias



Entrevista com Antônio Isaías Paiva Duarte, dia 6 de outubro de 2011.

Igor – Bom, Isaías, eu gostaria de começar perguntando como foi a infância lá na fazenda Serra das Cocas, na zona rural de Santa Quitéria.

Isaías – Bom, da minha infância, eu lembro muito pouco. Lembro que, até os 11 anos de idade, eu realmente morei com os meus pais em Santa Quitéria (*município que fica no Sertão Central cearense, a 238 quilômetros de Fortaleza*). Com 11 anos, eu vim para Fortaleza. Mas você sabe que infância no interior não é muito bom não, né? Onde eu morava não tinha luz, não tinha nada. A gente morava no interior mesmo. Era, como se diz, onde moravam os índios. Quer dizer, era uma fazenda que meus pais tomavam de conta, e a gente vivia do que plantava, do que eles criavam: galinha, porco, essas coisas. Não lembro muito, porque, logo depois dos 11 anos, eu vim embora pra Fortaleza. Morei no Coração de Jesus (*Praça do Coração de Jesus, no Centro de Fortaleza*) durante dois anos. Não digo que fui garoto de rua diretamente, não. Eu morava na praça, porque trabalhava a noite toda vendendo pastel e, durante o dia, eu dormia num Veraneio (*automóvel da Chevrolet produzido no Brasil entre 1964 e 1994, cujo modelo dispunha de quatro portas e acomodava seis pessoas*) que a mulherzinha (*dona Fátima, com quem Isaías trabalhou por dois anos vendendo pastel*) que me deu o emprego tinha. Depois saí de lá, fui trabalhar de jardineiro com a tia da patroa dos meus pais em Santa Quitéria. Com 14 para 15 anos, voltei para Santa Quitéria e tentei ser vaqueiro. Cuidava de uma fazenda de um coronel lá que era amigo do meu pai (*Pedro Duarte é o nome do pai de Isaías*). E fiquei lá até os 18 anos. Com os 18, eu retornei a Fortaleza. Vi que aquilo não era o que eu queria.

Sempre tive um sonho: desde que saí de Santa Quitéria, com 11 anos, tinha o sonho de tirar meus pais dali. É tanto que a gente ia para a roça, capinava, mas, dentro de mim, dizia que eu não tinha nascido para aquilo ali, que eu queria algo mais. Trabalhando ali, não ia conseguir nunca dar uma vida boa aos meus pais. Depois que eu retornei a Fortaleza, aos 18 anos, trabalhei de servente numa indústria chamada Royal. Trabalhei no Castelão (*estádio Governador Plácido Castelo, localizado em Fortaleza e inaugurado em 1973*) vendendo picolé, água... Depois disso, voltei a trabalhar em uma empresa chamada SBS

Segurança, Sistema Brasileiro de Segurança, que era a segurança daquele supermercado Lagoa no Centro, na Parangaba (*bairro de Fortaleza*), daqueles colégios CCAA (*Centro de Cultura Anglo Americano*).

Juliana – Mas vamos voltar um pouco para a questão da infância. Você é o sétimo de dez filhos. Como era a relação com os seus irmãos? O que vocês faziam no interior até quando você ficou lá?

Isaías – A gente cresceu... Acho que, quando a gente começou a andar, meu pai já mandou a gente plantar, capinar, aguar as plantas. Isso era o que a gente fazia lá. Na verdade, até pra estudar não tinha onde. A gente morava muito distante da cidade.

Juliana – E como foi que você aprendeu, então, a ler e a escrever?

Isaías – Rapaz, acho que tudo na minha vida só Deus pode explicar. Foi tudo Deus. Acho que eu comecei a soletrar, pegava as coisas. Aprendi sozinho. Nunca entrei numa sala de aula para saber ler, saber somar. Eu somo muito as coisas na cabeça. Então aprendi... Foi o mundo. O mundo me ensinou tudo.

Igor – Você deixou bem claro que seu pai sempre colocou, desde que vocês nasceram, para trabalhar na roça. Você gostava de realizar esse trabalho?

Isaías – De maneira nenhuma. Quando era para capinar, para fazer massa, pra fazer tijolo, eu nunca gostei.

Mariana – Por quê?

Isaías – Dentro de mim dizia que eu não nasci para aquilo ali. Eu sempre gostava muito de música. Já pequeno gostava de forró. Acho que o forró... Já nasci com ele na veia.

Ranniery – Mas quando você era criança, você tinha algum sonho, alguma perspectiva do que queria ser no futuro, como profissional?

Isaías – Tinha. Eu me imaginava muito sendo cantor ou tendo uma banda de forró, ou o que seja.

João Victor – Como era a relação com os seus pais quando você era criança?

Isaías – Bom, a minha vida é meus pais. Meu pai hoje é dono de Alzheimer há sete anos, e minha mãe (*dona Raimunda*) é tudo o que eu tenho. E hoje os meus três filhos. Eu tenho um filho de 16 (*Enderson*), um de 13 (*Everton*) e outra filha (*Isabele*) que eu tive agora com uma amiga minha, que já vai fazer três meses.

O nome do Isaías CDs foi sugerido para ser entrevistado pela aluna Nayana Siebra. Na votação, ele teve dois votos, sendo eleito como o primeiro nome na lista dos suplentes, caso algum dos entrevistados escolhidos primeiramente não desse certo.

O primeiro contato com a secretária do Isaías foi bastante difícil. Da primeira tentativa, até conseguir falar com ela, foram mais de duas semanas de espera.

Sempre que a equipe de produção ligava para A3 *Entretenimento* para tentar falar com a secretária do Isaías, Alzira, as atendentes informavam que ela estava em reunião e retornaria depois. Ela nunca retornou.



Sempre fui muito apegado ao meu pai, porque como eu era uma coisa que ele foi no passado, que era vaqueiro, e eu era um bom vaqueiro... Na verdade, era um vaqueiro mesmo! Não é esse vaqueiro de vaquejada normal que a gente vai assistir, não. Era vaqueiro de amansar cavalo brabo. Então, o meu pai falava que era um orgulho. Com meus pais, eu sempre tive uma relação muito boa.

Raissa – Por que sair de casa tão novo, tendo essa relação boa com os pais?

Isaías – A necessidade. A necessidade leva a gente a fazer qualquer coisa...

Mariana – ...Com onze anos você já tinha consciência da necessidade?

Isaías – Tinha. Porque, quando você convive muito com os adultos, você amadurece rápido. É tanto que a minha vida sempre foi muito rápida. Com 15, 16 anos, eu já fui pai (*Na verdade, Isaías se enganou. Hoje ele tem 36 anos, e o filho mais velho tem 17. Portanto, ele foi pai aos 19 anos*). Com 11 anos, como eu convivia muito com os adultos, queria a vida dos adultos.

João Victor – Mas o que é que faltava naquela época que você buscou em Fortaleza?

Isaías – Tudo! Dinheiro, estudo, as necessidades que meus pais passavam. Tudo isso fez com que eu “pegasse o beco”.

Igor – Mas por que você saiu?

Isaías – Porque botaram na cabeça que eu tinha que vir para Fortaleza, trabalhar para uma senhora de jardineiro. Então, a minha mãe achou realmente que eu deveria vir. Por-

que já que eram dez filhos e quanto mais fosse diminuindo de menino no interior, para quem está passando necessidade, seria melhor, né? De mim mesmo, na verdade, a vontade foi minha, de sair de lá.

Pedro – Você falou que a relação com o seu pai era muito boa, mas você não gostava de trabalhar na roça com ele. Em alguma ocasião, houve desentendimento entre vocês por isso?

Isaías – Muito. O pai da gente briga sempre quando você não quer trabalhar. Apanha, faz tudo. Porque, na roça, não tem esse negócio não, tem que ir. Não tem esse negócio de ficar dormindo ou estudando, não existe isso. Não tem moleza. A roça é assim.

Igor – No dia em que você resolveu vir para Fortaleza, teve alguma briga que motivou, que foi a gota d’água?

Isaías – Teve. Acho que era de 11 para 12 anos. Eu ia muito com os meus irmãos para a cidade (*de Santa Quitéria*), que era pertinho, ficava a sete quilômetros. No outro dia, a gente chegava tarde, sempre com muito sono, aí ele (*o pai de Isaías*) estava com a enxada no braço. Aí meu pai gritou, eu respondi e ele saiu correndo atrás de mim e jogou “um bando” de tijolo que pegou na minha perna. Foi por causa disso que vim embora.

Roberta – Isaías, você foi embora pegando carona em caminhão. Como foi essa experiência?

Isaías – Da casa dos meus pais para a pista tinha um caminhão parado carregando carvão. Pedi uma carona e vim.

Juliana – Eles não estranharam uma criança de 11 anos pedindo carona?

Isaías – Na verdade, na estrada, você encontra qualquer coisa. É uma contagem feita no seu destino, não se muda. Realmente é muito irresponsável pegar uma pessoa e levar... Disse que morava em Fortaleza, e o cara me trouxe. Desci aqui na “rodoviária dos pobres” (*Terminal Rodoviário Antônio Bezerra, no bairro homônimo, em Fortaleza*) e fui para o Coração de Jesus.

Igor – Quando você vinha no caminhão para Fortaleza, qual era o sentimento?

Isaías – De crescer... De crescer, sim. Sempre sonhei. Desde que comecei a me entender na minha vida, eu via a vontade que a minha mãe tinha de morar na cidade. Vi que ela nunca foi feliz. Eu escutava muito ela brigando com meu pai que a gente deveria morar na cidade. Aí meu pai dizia: “Por quê? Passar fome?”. E as crianças ouviam tudo, absorviam tudo, sabiam tudo. Eu ficava pensando: “Pô, dez filhos... E a minha mãe ali”. Sempre falo muito que as coisas na minha vida não têm explicação, é coisa de Deus. É tanto que ainda hoje não caiu a ficha, porque tudo na minha vida foi muito rápido. Tudo que faço na minha vida peço permissão a

Após muitas tentativas, conseguimos o e-mail e o celular da secretária do Isaías com a assessoria de imprensa das bandas da A3. Desde esse dia, ainda se passou quase uma semana para que conseguíssemos fazer o primeiro contato.

Deus, já que tudo o que tenho, tudo o que consegui, foi Deus que me deu.

Raiana – Quando você veio para Fortaleza, já sabia o que iria fazer?

Isaías – Às vezes, quando a gente acha que uma coisa é ruim, para você é a melhor coisa que pode acontecer na sua vida. Realmente, se eu não tivesse tomado essa atitude (*de fugir de casa*), se meu pai não tivesse tomado aquela (*de jogar tijolo no Isaías*), não estaria aqui hoje. Então, o que eu ia fazer? Lavar carro. Cheguei a pedir esmola para comer, na Igreja Coração de Jesus (*localizada na Praça homônima*). Tive uma sorte muito grande de essa mulher (*dona Fátima*) me dar um emprego. Lembro como se fosse hoje, na primeira vez em que ela me deixou para trabalhar. Deixou o carro acorrentado num poste, deixou acho que 10 ou 15 refrigerantes, pastezinhos, as comidas... Não confiava. Quando ela chegou, estava tudo bem limpinho, tinha vendido tudo. Ela já me deixou dormir dentro do carro dela (*o Veraneio onde Isaías disse que dormia*). Nesse negócio, eu passei dois anos. Foi quando meu irmão (*Juvenal*) me achou, esse que já faleceu, me levou para a Aerolândia (*bairro situado na Zona Leste de Fortaleza*), aí fui morar com ele.

João Victor – Isaías, você falou que os seus pais já teriam preparado você, quando criança, para um dia vir para Fortaleza. Então, para eles, foi algo normal?

Isaías – Não, não. A única pessoa com quem fiquei mantendo muito contato foi com a minha mãe. Todo sábado ligava para Santa Quitéria. Sempre tranquilizei, sempre

falei que estava tudo bem, que estava trabalhando. A pessoa que me deu o emprego, a dona Fátima, conversou com ela, que ela não se preocupasse. Ela pensou que eu fosse estudar e tudo. Lógico que não estudei porque não tinha como, trabalhava de noite e dormia de dia. Não ia conseguir.

Juliana – Como você conheceu mesmo a dona Fátima? Como foi o primeiro contato?

Isaías – O primeiro contato foi... Antes não existia o supermercado *Lagoa* (*perto da Coração de Jesus, no Centro de Fortaleza*), existia o *Xepão*. Eu ficava lavando os carros em frente. Através disso aí eu comecei. Pedia merenda à ela, comprava fiado. Começou a amizade disso aí.

Raiana – Então antes de conhecer a dona Fátima, como eram os seus dias na praça Coração de Jesus?

Isaías – De dia, lavava os carros (*em frente ao Xepão*) e, de noite, eu dormia numa caixa de papelão de geladeira.

João Victor – Dormiu na rua?

Isaías – Durante um mês, eu acho. Até arranjar minha nova casa (*referindo-se ao tempo em que Isaías passou a morar no Veraneio*).

Ranniery – Você sentia saudades de casa?

Isaías – Chorava demais, Ave Maria!

Ranniery – Você não tinha vontade de voltar para Santa Quitéria?

Isaías – Mas como? Chegar ali é fácil, voltar é que é difícil. Às vezes eu fico imaginando como Deus foi bom para mim... Muito bom! Porque tinha tudo pra ter morrido, ter me perdido, ter ficado louco, doido, alguém ter matado. Não é fácil, né? Lembro que tinha uma

Igor, da equipe de produção, conseguiu falar pela primeira vez com a secretária por telefone. Apressada, ela pediu que a equipe enviasse um e-mail, explicando o projeto da Revista Entrevista.



O primeiro contato pessoal com Alzira foi realizado no dia 13 de setembro de 2011 na sede da *A3 Entretenimento*, no bairro Passaré, em Fortaleza.

A equipe de produção esperou cerca de uma hora para ser recebida pela secretária do Isaías. O motivo da espera, segundo a recepcionista da 43, é que ela estava em reunião.

boate de "veado" lá nessa praça (*do Coração de Jesus*), que era tanta confusão! Rapaz, era tanta briga de madrugada. Você via muita coisa errada. Então eu tinha tudo para ser um drogado hoje, um "cheirador de cola", ter passado a roubar.

Juliana – Você nunca roubou, nunca cheirou cola?

Isaías – Nunca. Nunca usei nenhum tipo de droga na minha vida. E, aliás, eu convivia com gente que usava droga, que cheirava aquelas latas de cola. Na verdade, hoje, se eu pudesse retribuir tudo o que aquela mulher (*dona Fátima*) fez por mim, eu faria. Só que se você me perguntar onde ela mora hoje, eu não sei. Já tentei encontrá-la. Na verdade, aquilo foi um anjo que Deus botou na minha vida. Se não fosse ela, não sei o que seria de mim hoje.

Raíssa – Você disse que, dois anos depois de dormir no Veraneio de dona Fátima, seu irmão Juvenal o encontrou. Como ele conseguiu achá-lo?

Isaías – Por coincidência, a dona Fátima morava na Aerolândia, numa rua pertinho de onde meu irmão morava. Aí fui morar com ele, porque ele já trabalhava em Fortaleza há muito tempo. Não lembro muito bem. Sei que ele (*Juvenal*) foi para onde eu estava.

Nayana – Como era a convivência com ele?

Isaías – Muito boa. Muito ruim (*era com*) minha cunhada. Minha cunhada era ruim, muito ruim. Essa judiou comigo de verdade. Meu irmão ia trabalhar, aí ela trancava a televisão, leite, tudo dentro do guarda roupa. Se eu chegasse tipo dez horas (*da noite*), tinha que dormir no meio da rua. E hoje é uma pessoa que eu ajudo muito. Meu irmão faleceu, e a filha dela eu adotei como minha. O colégio dela, quem ajuda tudo sou eu.

Roberta – Na época que você morava com o seu irmão, você trabalhava em algum lugar?

**"Eu era um bom
vaqueiro. Era um
vaqueiro mesmo!
Não é esse vaqueiro
de vaquejada normal
que a gente vai
assistir. Era vaqueiro
de amansar cavalo
brabo".**

Após quase uma hora de espera, fomos chamados para entrar na sala de Alzira. Durante a conversa com a equipe de produção, ela recebeu várias ligações para o celular e sempre interrompia a conversa com a dupla Igor e Juliana. Numa dessas chamadas, Alzira conversou com uma mulher sobre ser necessário comprar fraldas para uma criança e fazer um "teste-zinho" de DNA.

Isaías – Trabalhava numa metalúrgica. Comecei num negócio desmanchando sofá e depois fui trabalhar com ele (*o irmão Juvenal*). Ele era meu gerente na empresa em que ele trabalhava, uma metalúrgica.

Juliana – Isaías, depois você saiu da casa do seu irmão, o Juvenal, e voltou para Santa Quitéria. Por quê? Por que deixar Fortaleza?

Isaías – Houve um corte na empresa que eu trabalhava, que era na metalúrgica. Fiquei muito tempo desempregado. Aí fui para Santa Quitéria (*porque*) tinha um serviço para fazer. Aí meu pai mandou eu ficar. Fiquei acho que um ano.

João Victor – Isaías, como foi voltar para Santa Quitéria, já que Fortaleza representava um ideal de crescer, de subir na vida?

Isaías – Quando cheguei lá (*em Santa Quitéria*), senti muito mais saudade daqui (*de Fortaleza*) do que de quando saí de lá (*Santa Quitéria*) para cá. Parece que Fortaleza me chamava de qualquer jeito: "Venha, seu futuro está aqui!".

Pedro – Quando você voltou para Santa Quitéria, do que você sentia falta exatamente de Fortaleza?

Isaías – Acho que gostei de ter morado aqui porque, depois das dificuldades que passei quando cheguei aqui com 11, 12 anos de idade, comecei a trabalhar na metalúrgica, a trabalhar nessa empresa de sofá... Comecei a ganhar dinheiro, não morava mais na rua, já tinha uma vida bem melhor do que a do interior. Por mais que você ganhe pouco numa cidade, e que dê pra você viver, mesmo sobrando pouco, é muito melhor do que você morar no interior. Porque existe cidade de interior que você mora, mas tem conforto. Agora, você morar no interior do interior, como eu morava... Quando você vem para a cidade, sente o gostinho de morar na cidade e quando vai para um negócio daquele (*interior*), não quer mais ficar. Só se for amarrado.

João Victor – Isaías, você teria citado em uma entrevista que foi vaqueiro em Canindé (*município a 100 quilômetros de Fortaleza*) ainda na sua adolescência. Como foi a experiência? Como chegou em Canindé?

Isaías – Não (*foi*) em Canindé, foi Santa Quitéria. Nunca fui vaqueiro em Canindé, fui vaqueiro em uma fazenda do coronel Miranda durante uns oito ou nove meses.

João Victor – Como foi a experiência de ser vaqueiro?

Isaías – Boa, porque minha família toda... Meu pai era vaqueiro, meus tios eram vaqueiros. Não era muito difícil porque já estava no sangue.

Juliana – Mas, se você disse ter sido muito bom como vaqueiro, por que deixar?



Alzira queria marcar a entrevista o mais rápido possível. Segundo ela, quanto mais rápido fosse realizada, maior seria a chance de conseguirmos entrevistar Isaias, por ele ser muito ocupado.

Isaias – Dentro de mim, acho que não era aquilo que queria. Se você me perguntar qual a explicação para eu chegar até aqui, não sei dizer. Foi tudo muito rápido. Aconteceu.

Igor – Dava pra ganhar bem como vaqueiro?

Isaias – Não. Se ganhava por diária. Naquela época, *(o salário)* era três reais ou dois reais por dia. Tinha que cortar capim, dar comida às vacas, campear, dar água. Não era fácil não.

Raissa – Como foi fazer esse trabalho de vaqueiro já que você comentou que não gostava de trabalhar com a roça?

Isaias – Muito ruim! Você abraçar uma touceira de capim... Não desejo para ninguém, não. É tanto que vou no interior *(de Santa Quitéria)* ver meus primos e dá uma pena, viu! Os coitados com os pés "tudo" rachados. Ave Maria!

Juliana – Isaias, falando sobre a vinda de vez para ficar em Fortaleza, quando você conheceu a mãe do seus filhos *(Ângela de Caldas)*, você tinha que idade?

Isaias – Nessa época, acho que era 17 anos.

Igor – Como vocês se conheceram?

Isaias – Numa pracinha da Aerolândia. A Aerolândia tinha uma feirinha. Aí a gente se conheceu e passou a namorar. Ela sabia que eu tinha que ir embora, que não tinha como ficar aqui *(em Fortaleza)*. Foi quando ela teve a ideia de me apresentar à mãe dela e pedir pra eu morar na casa dela. Só eram sete mulheres. Aí a mãe dela "pegou" e disse: "Pronto, a partir de hoje, você vai ser o homem da casa".

Juliana – Você passou a morar com ela

e com a família dela. Como foi essa nova vivência em Fortaleza?

Isaias – Ela era professora e estava desempregada. Eu fiquei desempregado. Conheci uma menina na Aerolândia, a Ritinha. Por coincidência... Olha o meu destino, *(ela era)* sobrinha da Rita de Cássia *(cantora e compositora de forró. Tem mais de 350 músicas compostas sem parceria que já foram tocadas pelas maiores bandas de forró)*. Maior coincidência do mundo! Olha para onde a coisa está me puxando. Ela morava em Flores *(distrito do município de Russas, a 180 km de Fortaleza)*. O pai dela foi convidado para tomar conta de uma granja de galinha aqui do Emanuel Gurgel *(dono da empresa SomZoom SAT, produtora criada em 1991 e responsável pela criação da indústria do forró eletrônico)*. Olha só! Um dia ela me ligou dizendo que tinha chegado, que estava morando em Fortaleza. Eu fui lá vê-la. Por coincidência, o Emanuel Gurgel chegou para dar a notícia de que o pai dela tinha sido preso em Alto Santo *(município cearense localizado na região do Baixo Jaguaribe, a 241.1 km de Fortaleza)*. Ele tinha cometido uma morte lá. Foi visitar a família dele e foi preso. O Emanuel Gurgel olhou para mim e disse assim: "Tu está fazendo o quê da vida?" Eu disse: "Estou parado". "Pois fique aqui cuidando da Granja até o pai dessa menina vir."

Foi aí que começou. Cheguei na granja, estava tudo muito sujo. Limpei tudo, fiz tudo bonitinho e tal. Acho que ele gostou do trabalho que fiz lá e, depois de dois meses, o "Seu" Zé *(pai da Ritinha, sobrinha da Rita de*

Após muitas ligações e e-mails, as pré-entrevistas com a mãe e os filhos do Isaias foram marcadas com a secretária para a noite do dia 26 de setembro no apartamento dele.

No dia marcado para as pré-entrevistas com a família, a equipe de produção ligou várias vezes para a secretária do Isaías para confirmar o encontro, e ela não atendeu a nenhuma das ligações.

“Quando você convive muito com os adultos, você amadurece rápido. A minha vida sempre foi muito rápida. Com 11 anos, queria a vida dos adultos”.

Cássia) foi solto. Fiquei vindo para cá (*antiga sede da SomZoom e atual sede da A3 Entretenimento, na Rua Heróis do Acre, 500, no bairro Passaré*) 20 dias, todo dia, sentado nessa recepção ali, e nada dele me atender. Quando foi um dia, diz ele que olhou assim e me viu, por uma aberturazinha... Aí me mandou entrar. Ele disse: “Olhe, no momento, só tenho isto aqui (*na SomZoom*): você lavar os ônibus e limpar aqui. Você vai fazer serviços gerais”. Aí comecei a trabalhar de zelador, neste mesmo prédio aqui (*da A3 Entretenimento*). A SomZoom era aqui. Depois de três anos que eu era zelador, a menina que fazia o café para ele faltou. Ele (*Emanuel Gurgel*) perguntou: “Você sabe fazer café?” Eu disse: “Vou tentar.” Aí eu fiz... O melhor café da minha vida! (*Risos*). No outro dia, a Lucinha (*mulher do café*) chegou, e ele (*Emanuel Gurgel*) disse: “Lucinha, vá trabalhar com minha irmã na confecção, que quem vai fazer meu café agora é o Isaías.” Passei, juntando tudo, sete anos. Três anos (*ficava*) fazendo café para ele. Passava o dia todo atendendo muita gente, fazendo o café dele... Ele achava bom demais. Era para eu chegar todo dia 5 horas da manhã. Eu morava na favela aqui pertinho, no Barroso II (*bairro de Fortaleza que fica próximo à sede da A3 Entretenimento, no Passaré*), aí chegava todo dia às 4h45. Ele botou um cara aqui, um gestor chamado “Seu” Odilon. Quando tiveram algumas reuniões, meu cartão era de exemplo de funcionário que cumpria o horário para as pessoas que chegavam atrasadas. Era conhecido aqui como “babão”. “Rapaz, se jogarem o Emanuel Gurgel dentro da piscina, o Isaías morre logo afogado” (*Risos*). Eu gostava de agradar o cara. Ele me tratava muito bem e me tratava do mesmo jeito que trata hoje. Mesmo jeitinho, não muda nada. Aí, no lugar de eu

ir embora às quatro (*horas*) da tarde, ia fazer entrega de disco na Tok Discos (*empresa de venda de CDs e DVDs, que fechou a última loja no Centro de Fortaleza em 2008, após 33 anos de existência*), na Aki Disco (*loja de venda de CDs de Fortaleza que fechou por conta da pirataria*).

Aqui (*na SomZoom*) vendia um milhão de CDs por mês. Aí eu ia para o aeroporto, para as transportadoras, para ganhar hora extra. Quando foi um dia... Houve uma discussãozinha besta aqui. Aí mandaram “bater” minhas contas. Nunca fui de levar desaforo para casa. Em nada. Só se eu estiver errado. O Emanuel Gurgel tinha mania de não atender ninguém. Ele só tinha um defeito: se você chegasse e contasse uma história para ele, só valia aquela história. Quando outra pessoa vinha e contava outra versão, aí ele vinha e passava a mão na barba dele, que era grande... Fazia assim (*Isaías estica os braços para frente com as mãos espalmadas e abaixa a cabeça*), não deixava você falar nada. Eu já sabia, que assistia tudo lá dentro. Empurrei a porta dele, que quebrou o trinco! Ele passou a mão na barba e fez assim... (*Isaías repete o gesto feito anteriormente*). Fui falar a minha versão, e ele escutou. Ele chamou o Evandro Carneiro, que era o gerente daqui, que hoje é meu gerente, e disse: “Olha, Evandro, ele pode ter todos os defeitos, mas ele é o único que trabalha aqui. Você sabe disso.” Aí ele (*Evandro Carneiro*) disse: “Tá bom!” Ele (*Emanuel*) disse: “Vou dar outra chance, mas, se ele pisar na bola, vai você e ele vai pra fora.”

Juliana – Mas você pisou na bola? O que foi que aconteceu?

Isaías – Não, não tinha pisado na bola. Os discos chegavam aqui... Não chegavam embalados como vem o CD normal hoje... Vinha

Mesmo assim, Juliana, da equipe de produção, insistiu para que a dupla fosse até o apartamento do Isaías, uma vez que o endereço da casa dele havia sido repassado por Alzira na semana anterior. Juliana enviou uma mensagem para o celular no caminho para a casa dele com os seguintes dizeres no fim: “Até já!”.

“De crescer, sempre sonhei. Desde que comecei a me entender na minha vida, via a vontade que a minha mãe tinha de morar na cidade. Vi que ela nunca foi feliz”.

capa, caixinha vazia e a bolacha. A gente tinha que colocar a bolacha, encapar tudinho e plastificar. E *(nisso)* trabalhavam 17 mulheres. Uma dessas meninas, a Raquel, veio de costas e achou que eu tinha "pinado" nela... Ela tacou a mão na minha cara. Então, do jeito que ela bateu, eu revidei.

Raíssa – Você revidou como?

Isaías – Não sei se dei um tapa nela ou se empurrei. Fiz alguma coisa que ela achou ruim. Um tapa sei que levei. E grande, viu?! *(risos)*

Juliana – Isaías, todo esse crescimento na *SomZoom* e a confiança do Emanuel em você só foi possível porque você conheceu a Ritinha, sobrinha da Rita de Cássia, não foi?

Isaías – Foi. Falo nela direto. É tanto que o marido dela fica brigando com ela, por causa desse negócio que fico falando direto nela, *(mas)* tenho que falar dela, né? *(risos)*

Juliana – Mas como foi a relação com ela?

Isaías – A gente namorou. Assim, eu era "junto" *(com a primeira mulher, Ângela)* e namorava com ela. Passei com ela, acho que uns três anos. Eu mentia para ela *(Ritinha)*. Dizia que não tinha namorada, nem a mãe dos meus filhos e tal. Ela acreditava. Na verdade, nunca amei a mãe dos meus filhos. Me juntei com ela por necessidade. É tanto que hoje, o carinho que eu tinha por ela quando era junto é o mesmo. Ela foi uma pessoa muito importante na minha vida e vai ser. Por dois motivos: por ter me dado uma chance e por ter me dado meus dois filhos maravilhosos.

Igor – Isaías, desde que você começou a trabalhar na granja do Emanuel Gurgel, você almejava chegar ao cargo de gerência na *SomZoom*?

Isaías – Não. Achava que ia passar a vida aí zelando, lavando os ônibus, sendo zelador. Mas lógico que todo mundo tem o pensamento de crescer na vida. Todo mundo tem. Como saí de Santa Quitéria com um pensamento... Eu queria... Ajudar sempre os meus pais. Sempre pensando nisso. É tanto que o dinheiro que eu pegasse, sempre com o pouco que ganhava, mandava para a minha mãe. Sempre falo: o filho que ajuda a mãe sempre recebe em dobro. Acho que tudo que eu fazia para ela recebia em dobro. É tanto que o primeiro dinheiro que ganhei na minha vida vendendo CDs, que foi sete mil reais, comprei a primeira casa da minha mãe em Santa Quitéria. Em seguida, com 15 dias depois, eu com o Evandro Carneiro, a gente vendeu 40 mil CDs. Ganhei três vezes mais daquele dinheiro que eu tinha comprado a casa da minha mãe.

Igor – E hoje, se você pudesse definir o que é Emanuel Gurgel na sua vida, o que é que ele representa?

Isaías – Emanuel Gurgel? Um pai, um ami-



go, um professor. Um cara em que me espe-
lhei muito nele.

João Victor – O que foi que o Emanuel Gurgel lhe ensinou?

Isaías – O Emanuel não me ensinou, não, eu aprendi com ele. De tanto eu estar ali na sala, vendo ele escolher música, atendendo o povo... O forró estava todo tempo em evidência ali... O Emanuel Gurgel foi o responsável

**“Cheguei a pedir
esmola para comer.
Durante um mês,
de dia lavava os
carros e, de noite,
dormia numa caixa
de papelão de
geladeira”.**

Ao chegar ao prédio de Isaías inseguros se daria certo a empreitada, o porteiro informou à equipe de produção que Isaías havia ido correr na avenida Beira Mar. Ao interfonar para o apartamento do entrevistado, o porteiro avisou que a mãe de Isaías havia informado não saber da pré-entrevista.

A equipe de produção esperou, cerca de 20 minutos, Isaías voltar da caminhada. Eles ficaram no espaço entre os dois portões de entrada do condomínio, vigiados por três câmeras de segurança.

Após algum tempo de espera, o Igor, da equipe de produção, avistou um carro com um grande adesivo colado do *Aviões do Forró* e logo falou ao porteiro: "Esse é o carro do Isaías. Avisa que a gente está aqui".



pelo grande crescimento do forró. Esse mérito ninguém pode tirar dele, porque realmente o Emanuel Gurgel foi o cara que fez o forró ser diferente.

João Victor – Mas o fato de você estar aqui dentro da *SomZoom Sat*, naquela época, era diferente de uma pessoa que ouvia forró na rádio. O que você enxergava no forró que as outras pessoas não enxergavam?

Isaías – Acho que de tanto conviver com aquilo ali, naqueles estúdios... Ele ainda ficava me fazendo pergunta: "O que é que tu acha dessa música aqui?". Fui me envolvendo com aquilo e já passei a sonhar em ter banda. É tanto que, quando saí daqui, que fui trabalhar na *AM Promoções* (*AM Promoções Artísticas e Publicidade, empresa do empresário Assis Monteiro responsável por algumas rádios de Fortaleza e pela promoção de festas ligadas ao forró*), ser vendedor de disco, passei a montar uma sociedade com outra banda. Passei a ser dono de uma banda chamada *Gaviões do Forró* (*Banda de forró criada em 1994, em Fortaleza, com o nome de Forró Baião. Em 1998, passou a se chamar Gaviões do Forró*). Na época, era *Forró Baião*, e transformei em *Gaviões. Cheiro de Menina* (*banda de forró criada em meados de 1999 cujo vocalista e proprietário é o cantor Vicente Nery*), era *Estrada do Som*, a gente transformou em *Cheiro de Menina*. Fui o responsável pelo sucesso dessas três bandas naquele tempo. Então, assim, aí foi onde passei a seguir os passos do Emanuel Gurgel.

Igor – Isaías, você foi zelador, depois o homem do cafezinho. Como foi esse salto para já chegar...?

Isaías – ... Bom, vamos lá. Do café, passei a ajudar o Evandro a separar os discos, a arru-

mar e a fazer as entregas. Quando foi um dia, o Evandro chamou o Emanuel e disse que não achava justo, porque eu estava ganhando pouco pelo que eu fazia. (*O Evandro perguntou ao Emanuel*) por que não me tirava do café e da limpeza e colocava só lá com ele (*com o Evandro*). Foi o que o Emanuel fez. Me deixou trabalhando só nos discos, separando, arrumando. Aqui era disco demais! Aí fiquei. Separava os discos, arrumava, separava os pedidos, quatro horas carregava o caminhão e ia fazer as entregas nas transportadoras, nos aeroportos, nas lojas. Quando foi um certo dia, chegou o Assis Monteiro (*empresário dono da AM Promoções*): "Evandro, preciso de um homem de confiança para vender os CDs dos *Brasas do Forró* (*banda de forró criada em meados de 1989 sob a liderança do sanfoneiro Ivanildo Moreira. O repertório é voltado para o forró*

"Às vezes fico imaginando como Deus foi bom para mim. Porque tinha tudo pra ter morrido, ter me perdido, ter ficado louco, doido, alguém ter me matado".

O primeiro contato pessoal com o Isaías foi feito no pátio do prédio em que ele mora. Ele cumprimentou a equipe de produção e convidou para subir ao apartamento dele, para realizar as pré-entrevistas.

pé de serra e para o ritmo gaúcho Vanerão).
Aí o Evandro disse: "Está aqui o homem certo".
(*Falando*) comigo. Aí ele (*Assis Monteiro*) perguntou: "(*Você*) tem onde guardar os CDs?".
Eu disse: "Tem, tem". Foi quando, como você falou, (*dei*) um grande salto. Fui para *Aki Discos*. Na época, não existia essa pirataria que tem hoje. A gente foi lá, e vendi sete mil CDs. Na verdade, não fui nem eu, foi o Evandro. Fui só entregar. A gente ganhava um real por CD. Então sete mil (*CDs*) dava dinheiro. Ele deu a minha parte. Aí chegou o Luizinho de Irauçuba (*sanfoneiro e compositor de músicas de forró que nasceu na cidade de Irauçuba, na região Norte do Ceará*). Disse que tinha ganhado um patrocínio de 16 mil CDs. Aí ele (*o Evandro*) disse: "Como é que você faz isso, Luizinho, para mim?". Ele disse: "Faço para você a três reais (*o CD*)". Aí o Evandro ligou para a Aki Discos, para a Tok Discos, e vendeu a dez reais. Aí ele (*Evandro*) chegou para mim e disse: "Isaías, eu não acho justo você fazer o serviço pesado, e eu lhe dar 10% e ficar com o restante. A partir de hoje, vou lhe dar 50%". Aí liguei para um amigo meu: "Vem cá, 50% é maior que 10%?" (*risos*). Lembro como se fosse hoje. Nesse dia, acho que ganhei uns 34 mil reais. Passei acho que uns cinco dias sem dormir, contando esse dinheiro toda hora... (*risos*) Para saber se dava para comprar uma casa. Aí foi quando comprei a minha primeira casa. Primeiro a casa para minha mãe em Santa Quitéria. Aí pronto: todo mundo começou a me ligar para vender os discos. Começou a se espalhar que eu era um bom vendedor. Só vim comprar uma casa para mim quando comprei uma casa para cada um dos meus irmãos. Tirei todos do aluguel, todos.

Roberta – De onde surgiu então essa ideia de distribuir gratuitamente os CDs?

Isaías – Quando eu tinha uma parceria com o Vicente Nery (*vocalista e proprietário da banda de forró Cheiro de Menina*), eu já dava CD para fazer média com ele. E quem fez o nome "Isaías CDs" foi o Vicente Nery. Ele ligava: "94847671: ligue para o homem dos CDs, Isaías CDs!". Isso foi pegando. Eu dava de caixa de CD e dizia que tinha sido o patrocinador, essas coisas. Foi assim que eu comecei. Lógico, naquela época, todo mundo vendia CD. No ano que acabou a sociedade com a *Gaviões (do Forró)*, que eu fiquei divulgando CD e dando disco, percebi que não vendia mais disco. A pirataria tomou conta de tudo! Eu disse: "Agora vou dar. Pirateiro não vai ter vez comigo, não. Vou dar CD!".

Juliana – E como foi que surgiu a ideia (*de distribuir CD de graça*)? Viu em algum lugar?

Isaías – Não. É porque eu percebia que o CD é uma moeda que vai e volta. Se o cara escuta o CD e gosta da banda, esse CD vai

"Depois de três anos de zelador, a menina que fazia café faltou. Ele perguntou: 'Sabe fazer café?'. Eu disse: 'Vou tentar.' Fiz o melhor café da minha vida!"

voltar na bilheteria. Arrumei muita confusão com meus sócios. Eram umas brigas grandes porque eu dava CD, e eles não queriam. Eles achavam que, na época, o CD dava um pouquinho de lucro. Hoje não dá mais. Hoje todo mundo dá CD.

João Victor – Grande parte do sucesso dos empreendimentos do Emanuel Gurgel foi por causa da venda de CDs. Mas...

Isaías – ... Porque, na verdade, o Emanuel Gurgel foi o cara que lançou, realmente, o forró mais moderno e tudo. Mas o Emanuel não pegou realmente a melhor fase que tinha o forró. O Emanuel Gurgel plantou uma semente que nós estamos colhendo bem melhor agora... Que hoje o forró tem outro valor.... Tem outra cara. As pessoas que achavam brega antigamente já não acham hoje. Acredito que o forró vá muito mais longe ainda.

Igor – Isaías, como a experiência na *SomZoom* ajudou hoje no seu trabalho como empresário?

Isaías – Tudo. A *SomZoom* foi uma escola. O que não aprendi numa escola como vocês aprenderam e tiveram a oportunidade de estudar aprendi tudo, como escolha de repertório, vendo o Emanuel fazer... Aprendi tudo vendo e fui guardando aquilo para mim: trazendo o que era bom e observando o que era errado. É tanto que eu achava muito feio a maneira dos músicos do *Mastruz (com Leite, banda de forró criada em novembro de 1990 em Fortaleza pelo empresário Emanuel Gurgel)* saírem daqui para ir para São Paulo: uns com as roupas de um jeito, de bermuda... Sempre me preocupei muito com o visual das bandas, com a maneira das dançarinas entrarem no palco. Achava muito feio aquelas dançarinas dos *Brasas (do Forró)*, do *Forró Real (banda de forró criada há 18 anos e hoje pertencente à empresa Social Music)*, (*que*) entravam nuas no palco e as crianças vendo aquilo. Se você analisar o

A equipe de produção ficou impressionada com o tamanho do apartamento do Isaías. Ele mora na cobertura de um prédio luxuoso no bairro Meireles, em Fortaleza.

Em um primeiro momento, dona Raimunda Paiva, mãe de Isaías, não quis conceder a pré-entrevista porque alegava não saber falar. Aos poucos, no entanto, Juliana foi puxando assunto a respeito do filho e a conversa foi se desenrolando.

Os filhos do Isaías, En-derson, 17, e Everton, 13, falaram muito bem sobre o pai. Eles demonstraram ter orgulho do sucesso que Isaías conquistou.

meu balé do *Aviões (do Forró)* e do *Solteirões (do Forró, uma das seis bandas da A3 Entretenimento, liderada pelos vocalistas Zé Cantor e Taty Girl)*, elas vestem tipo um shortinho. São umas roupas bem comportadas. É sensual, mas não vulgar. Algumas bandas adotaram esse modelo que a gente lançou, que foi com o *Aviões do Forró*.

Raíssa – Isaías, e qual foi a sua grande sacada para fazer essa mudança no forró? Foi a distribuição de CD? Foi essa nova roupagem que você deu à banda?

Isaías – Deus. Porque, se não fosse Deus, ninguém não chega a lugar nenhum. Como eu tive bons professores comigo, tentei ser um bom aluno. Não posso deixar de falar num cara que peguei com muita experiência, que já vivia, que praticamente cresceu na banda, que foi o “Carlim”, Carlinhos Aristides (*Carlos Aristides é um dos sócios do Isaías na A3 Entretenimento e é filho do outro sócio da empresa, do Zequinha Aristides*), um cara com muita experiência, com uma cabeça muito boa. E o Zequinha (*Ezequias Aristides, um dos três sócios da A3 Entretenimento ao lado de Isaías*), que já era um cara com uma experiência enorme.

Raíssa – Mas qual foi a grande sacada?

Isaías – Um forró moderno. A gente tentou fazer uma banda diferente do que já existia. Eu e o Carlim (*Aristides*), nós já viemos de festas, a gente observava muito. A gente tentou fazer uma banda que não atingisse só as pessoas mais velhas... Os jovens, as crianças, tudo. Se você pegar o primeiro CD do *Aviões*... A gente sempre fala que aquele terceiro CD é como se fosse o do *Chiclete com Banana (banda de axé music criada*

na década de 1980. Até hoje, é considerada umas das bandas de axé de maior sucesso). O *Chiclete com Banana* vocês veem que não tem uma música nova, mas todo mundo gosta, né? Então, para mim, o *Aviões do Forró* é o *Chiclete com Banana*. Acho que o *Aviões* deu outra cara ao forró.

Mariana – Você tem uma relação afetiva maior com o *Aviões do Forró* por ser a sua primeira banda?

Isaías – Na verdade, tenho todos como filhos. Eles gostam muito de mim. Mas o Alexandre (*Conhecido como Xand, é o vocalista da Aviões do Forró*) me chama de pai. A gente tem uma coisa muito forte. Entre eu e ele. É de pai para filho mesmo. A Solange (*vocalista da banda Aviões do Forró, ao lado do Xand*) era uma mulher muito difícil. Hoje posso dizer que a Solange é um anjo. Ela era muito difícil com todo mundo. Com todo respeito, ela dava “patada no pé do ouvido” de muita gente aí. Mas comigo ela sempre foi uma pessoa muito educada, muito gente boa, com um respeito enorme. Zé Cantor (*vocalista da banda Solteirões do Forró, uma das agenciadas pela A3*), nem se fala. Zé Cantor... Não nasce mais um cantor igual a ele. Tanto como pessoa, quanto como cantor. Samira (*vocalista da banda Forró dos Plays, uma das bandas agenciadas pela A3*) foi uma mulher muito difícil. Mas hoje é uma grande mulher. A Samira hoje conversa, antes não. Antes só queria saber de dinheiro, de farrear. Hoje acho que isso na vida dela não existe mais.

Juliana – No começo da *Aviões do Forró*, a Solange, vocalista do *Aviões*, era diferente do padrão que você dizia que via nos shows

Dona Raimunda contou que o filho era muito danado quando criança. O maior desejo dela hoje é que Isaías se case, pois, segundo ela: “Ele não vai me ter para sempre por perto para fazer as coisas”.



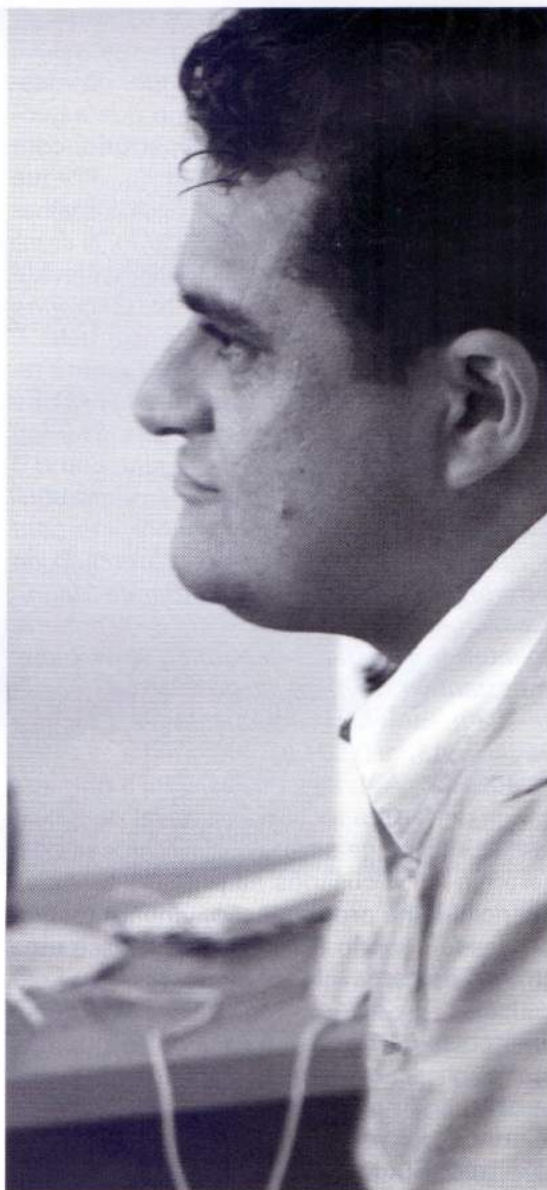
“O primeiro dinheiro que ganhei na minha vida vendendo CDs, que foi sete mil reais, comprei a primeira casa da minha mãe em Santa Quitéria”.

de forró: era uma mulher gordinha. Por que investir numa cantora...?

Isaías – ... Eu fui muito criticado por causa disso. Era muito fã da Solange. E criei problemas com meus sócios, muito problema. Mas eu via, quando a Solange cantava duas músicas no *Caviar* (com Rapadura, banda criada em 1996 pelo Zequinha Aristides, um dos sócios de Isaías hoje na A3. O nome *Caviar com Rapadura* significa a mistura e a união entre o rico e o pobre) ou duas na banda G (banda em que Solange cantou antes do *Aviões do Forró*), a reação do público com ela. A voz dela era muito gostosa, ela agradava o povo. E o povo dizia: “Tu vai para onde com esses dois gordinhos feios desse jeito? Esse avião vai cair, ele vai cair!”, o povo dizia. (risos da turma) Realmente eram muito gordos os dois. O Alexandre não era muito gordo, veio ficar depois. Então, foi porque tinha que ser. Tinha que ser.

Igor – Qual foi a grande sacada para a *Aviões* estourar no mercado?

Isaías – Repertório. Um bom trabalho. Porque, na verdade, a gente sempre trabalhou para fazer da *Aviões do Forró* uma banda grande mesmo. É tanto que eu trocava aqueles 200 reais e gastava 3 mil (reais) de roupa. Porque eu queria mostrar que a banda era grande. Acho que também a mudança que a gente fez, a valorização que a gente deu aos músicos. Eu ter colocado os cantores como donos das bandas. Eles mesmos brigam pelas bandas. Antes, não. Antes, os cantores não queriam nem saber como tocavam, se tocavam rasgado, queriam só o dinheiro. Já agora não. Posso mandar o Xand amanhã para São Paulo com a Solange, ou pros Estados Unidos, e eles vão ter a mesma responsabilidade que eles estão tendo aqui comigo, porque eles também são donos. O próprio Emanuel (*Gurgel*), que é um cara que respeito muito, disse que eu era um maluco quando dei 10% para a Solange e 10% para o Alexandre: “Esse homem é um maluco!”.



Todas as bandas que tenho aqui na empresa (*A3 Entretenimento*), todos são meus sócios. Não são meus empregados, são meus parceiros. Acredito que por isso essas bandas dão tão certo. Porque, se não fosse isso, o Alexandre não estaria mais hoje no *Aviões do Forró*. Nem a Solange. Eles receberam “500 mil conto” para ir para o *Calcinha Preta* (banda de forró eletrônico criada na cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, em dezembro de 1996. Hoje, é uma das grandes concorrentes da *Aviões do Forró* no mercado forrozeiro). Eles vão? Não vão. O Zé Cantor, mil bandas já chamaram ele. Samira também. Todos os cantores. Não vão porque, graças a Deus, vivem bem, ganham bem e aquilo (as bandas) também é deles.

Igor – Mas em que você acredita que o *Aviões* inovou no mercado de forró daquela época (2003)?

Isaías – Rapaz, começando pelos cantores. O Alexandre é um cara diferenciado. É uma

Durante a pré-entrevista com a família no apartamento do entrevistado, Isaías estava se arrumando para um evento social e apareceu só de calça jeans, descalço e sem blusa, para perguntar como estava a conversa.

A entrevista com o Isaías CDs foi realizada na tarde do dia 6 de outubro de 2011 na sede da *A3 Entretenimento*, empresa da qual Isaías é dono, e durou exatamente duas horas.

No caminho para entrevista, Juliana, da equipe de produção, almoçou dentro do carro do Igor, pois tinha saído do jornal atrasada por conta de uma pauta.

diferença entre todos os outros cantores. O Alexandre é um cara que, realmente, não é só um cantor de forró. A Solange, da mesma maneira. E juntou o trabalho que a gente fez muito bem feito: com repertório, com conhecimento que a gente pegou... Porque peguei muitas pessoas boas para trabalhar comigo, como o Cláudio Neri (*cantor e compositor de forró*), que é um cara já conhecido no Brasil todo, como o Zequinha (*Zequinha Aristides, sócio*), com a experiência dele. E Deus, lógico! Porque muita gente tentou fazer uma banda tão grande como a *Aviões* e não vai. Como o *Calcinha Preta*, que já tentou fazer duas bandas e não conseguiu, como o *Limão com Mel* (*banda de forró pernambucana criada em 1993. Atualmente, também é uma das grandes bandas do mercado do forró brasileiro*), o *Magníficos* (*Banda Magníficos, criada em 1995 na cidade de Monteiro, no interior do Estado da Paraíba. Teve papel importante na divulgação do forró na década de 1990*). Eu tenho sete (*bandas*) e, graças a Deus, (*a A3*) não fica parada um dia.

Juliana – A *Aviões do Forró* foi a primeira banda de forró a tocar no carnaval de Salvador. Como é que surgiu a ideia? Vocês chegaram a ser recusados na primeira tentativa de incluí-la na programação, vinham tentando desde quando fazer com que fosse uma atração do carnaval?

Isaías – A *Aviões* – eu sempre falo que é uma coisa de Deus –, é uma coisa que não tem explicação. Porque, com a *Aviões*, nós nunca pagamos para aparecer na televisão e nunca nos oferecemos para ir em uma televisão. Surgiu um convite do pessoal do *Mucuripe* (*Mucuripe Club, boate localizada no Centro de Fortaleza*) para nós fazermos o *Fortal* (*micareta que ocorre há 20 anos em Fortaleza no fim do mês de julho*). A gente foi

“Liguei para um amigo meu: “Vem cá, 50% é maior que 10%?”. Nesse dia, ganhei uns 34 mil reais. Passei cinco dias sem dormir, contando esse dinheiro”.

Os estudantes e o professor foram em quatro carros diferentes para a sede da A3, no bairro Passaré, em Fortaleza. No caminho, alguns deles se perderam.

para o *Fortal*. Os empresários do carnaval de Salvador viram o sucesso que foi no *Fortal* e convidaram a gente a comprar o espaço no carnaval de Salvador.

Juliana – Isso foi em que ano?

Isaías – Minha filha, já faz quatro anos que a gente toca lá, né? Acho que foi em 2006. Foi por aí. Então, com esse convite, a gente conseguiu um parceiro que comprou o espaço, que foi a *Picanha do Otávio*, que hoje é parceira da casa inteira. E foi quando o *Aviões* começou. Foi quando, no meio do ano, o *Aviões* “rasgou” e montamos outras bandas.

Ranniery – Você passou ainda algum tempo agenciando a *Aviões do Forró* sem ter ainda a A3 Entretenimentos...

Isaías – ... É, pois é. Aí quando a gente estava no *Parque Recreio* (*restaurante localizado na Avenida Rui Barbosa, em Fortaleza*), que criei o *Solteirões do Forró*, a gente precisava de uma mãe para os filhos, né? Porque a gente não pretendia ter só o *Aviões*, nem só o *Solteirões*. A gente via que o mercado precisava de outros produtos. Até existia, agora eram muito mal cuidados. Como tem muita banda boa de forró aí que só é mal cuidada. Todo mundo gosta de uma banda... *Forró Real*, todo mundo gosta, mas tem coisa mais desmantelada que o *Forró Real*? É um desmantelo muito grande, não é? Se fosse uma banda bem cuidada, com certeza seria um outro *Real*, na minha opinião. Aí fiquei pensando: “Meu nome é Antônio...”. A galera me diz que sou bom de nome. “Aristides” porque tive de juntar, em um nome, pai (*Zequinha Aristides*) com o filho (*Carlos Aristides*), porque o pai tinha muito ciúmes do filho. “Aristides” pegava os dois, né? E, na época, tinha um parceiro: André (*André Camurça. Desde fevereiro de 2011, não é mais sócio da A3 Entretenimento*). Aí foi alcunhado e fez *A3 Entretenimentos*.

Pedro – Você falou bastante do diferencial das bandas da A3 em relação a outras bandas. Entre *Aviões do Forró*, *Solteirões do Forró*, *Forró do Muído* e *Forró dos Plays*, quais são as principais diferenças de uma banda para a outra, para que elas não fiquem parecidas no conceito?

Isaías – Se você pegar o CD do *Aviões*, do *Muído*, do *Solteirões*, do *Forró dos Plays*, do *Boca a Boca*, do *Pé de Ouro* e do *Caviar* (*bandas que pertencem à A3 Entretenimento*) são batidas completamente diferentes. A gente tenta fazer um repertório completamente diferente. São bandas que não tocam a mesma coisa, a pegada é uma coisa totalmente diferente, e os cantores cantam cada um com a sua linha. Se você for por aí, você vê quatro bandas cantando, mas é o mesmo repertório, a voz é a mesma, uns copiando os outros...



O primeiro local onde a entrevista iria ocorrer seria a sala do Isaias. Posteriormente, no entanto, o entrevistado sugeriu que todos mudassem para a sala de reuniões da empresa, onde a entrevista aconteceu.

Aqui (*nas bandas da A3*) não, aqui não tem isso. O Zé Cantor tem a sua identidade, Alexandre tem a dele, Samira tem a dela. As meninas do *Muído* (*cantoras e irmãs Simone e Simária Mendes*) têm as delas, a Solange tem a dela. Então, são coisas bem distintas.

Raiana – Você falou, anteriormente, que está num momento melhor do forró do que o Emanuel Gurgel estava. O que você fez de diferente em relação ao Emanuel Gurgel? Você acha que contribuiu para o forró estar num momento melhor agora?

Isaias – Na verdade, me sinto, sim, responsável. Porque consegui, junto com meus sócios, a partir da *Aviões do Forró*, quebrar todas as barreiras que existiam. A gente já tocou em muitos locais que nenhum forrozeiro tinha alguma vez pisado lá dentro. Acho que o *Aviões* valorizou o forró no geral porque, se você analisar, a banda hoje está, em vários eventos que ela entra, praticamente quebrando: como o *Criança Esperança* (*campanha que estimula a doação de recursos para crianças e adolescentes, promovida pela Rede Globo de Televisão em parceria com a Unesco – Órgão da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura*), o carnaval de Salvador, uma micareta do *Fortal*, o *Mucuripe*, em que nenhuma banda de forró tocava lá... A gente quebrou todas as barreiras e valorizou muito o mundo do forró. Hoje, o *Aviões* é uma banda que está no mesmo patamar do *Chiclete*

(*com Banana*), em questão de cachê, de uma *Asa* (*de Águia, banda de axé criada em 1987*), com quem a gente já troca parceria. Em um evento, é 50% para um e 50% para outro. Lógico que não é o mesmo que um parceiro local, em que (*a divisão*) é 33% a 33%. Então, o *Aviões* valorizou. Uma banda que ganhava 1 mil reais, hoje está (*ganhando*) R\$ 10 mil. Quem era R\$ 10 mil, está (*ganhando*) R\$ 20 mil. Quem era R\$20 mil, está R\$30 mil. Todo mundo foi junto nessa.

Raiana – Mas como você conseguiu valorizar o forró e no que foi diferente em relação ao que Emanuel Gurgel trouxe?

Isaias – É que assim, antigamente, o forró tinha muitas barreiras! A gente, aos poucos, foi quebrando. Às vezes, a gente até brinca que o *Aviões* deixou de ser uma banda de forró. Se eu dissesse que, a partir de hoje, a *Aviões* vai ser uma banda de axé, você conseguiria fazer uma banda de axé. Até pelos dois cantores que eu tenho. O (*sucesso do*) *Aviões do Forró* foi porque a gente valorizou a banda. Fez com que as pessoas não vissem o *Aviões* como uma coisa pequena. Por exemplo, a primeira coisa que fiz? Foi acabar com aquele negócio de que só dono de casa (*de forró*) é que ganhava dinheiro e não banda de forró. Um dia fui tocar no *Siqueira Clube* (*casa de forró localizada no bairro Siqueira, em Fortaleza*) com o dito Assis Monteiro, coloquei 16 mil pessoas, e ele me deu R\$ 350. Dava para

Quando entramos na sala onde o entrevistado nos esperava, ele estava assistindo a um programa policial. Assim que viu a Marina, a fotógrafa, Isaias perguntou se ela era japonesa.

Antes de a entrevista começar, a secretária do Isaías disse que a entrevista só poderia durar 1 hora e 30 minutos, porque ele tinha alguns compromissos depois. Apesar disso, a entrevista durou exatas duas horas.

pagar nem a folha (*de pagamento*) da minha banda! No próximo projeto que ele me colocou, bati o pé e disse que não ia. Eu só ia se fosse (*ganhar*) 50% da bilheteria. (*Ele, o Assis Monteiro*) chorou, chorou, foi o maior estouro do mundo, eu fui lá e trouxe R\$80 mil. Aí se espalhou no mundo todinho. Então o que foi que fiz? O cara tinha um evento em Campina Grande (*cidade da Paraíba, a 633 km de Fortaleza*), o Ivan Augusto, que é meu parceiro até hoje. Ele ligou: "Isaías, eu tenho uma festa aqui assim, assim, assim. Quero a *Aviões do Forró*, como é que é?". Eu disse: "Não, você me dá R\$80 mil de garantia e 50% da bilheteria". Quando foi na hora, deu R\$300 mil de bilheteria, fiquei com R\$150 mil. Fui em Natal (*capital do Rio Grande do Norte*), foi do mesmo jeito. Derrubei as portas lá e trouxe R\$200 mil.

Raíssa – Essas são características suas que demonstram uma capacidade sua de empreendedor...

Isaías – ...É. Um matutinho esperto, né? (*Risos*)

Raíssa – De onde você acha que esse dom para os negócios como empreendedor veio? De experiência de vida ou foi uma coisa de dentro de você? Você falou que no interior você dizia: "Não, a minha vida está em Fortaleza". Isso é uma característica que já era sua?

Isaías – Acho que até nas ideias que a gente tem, que eu falo sempre, tem uma permissão de Deus. Lógico que, graças a Deus, ele me deu o dom de ter esse conhecimento. Você aprende no mundo, né? A ler, a escrever e a chegar aqui. Sempre falo que sou um cara abençoado. Até para pedir uma coisa a Deus, eu penso duas vezes. Deus é tão bom que as pessoas deveriam só agradecer, agradecer, agradecer direto. O meu maior medo hoje é desagradar a Deus. Então, lógico que foi a

"A SomZoom foi uma escola. O que não aprendi numa escola, aprendi vendo o Emanuel fazer. Fui trazendo o que era bom e observando o que era errado".

Assim que Isaías viu o professor Ronaldo Salgado pela primeira vez, disse que parecia muito com o Emanuel Gurgel, dono da empresa SomZoom Sat.

"O Emanuel Gurgel plantou uma semente que nós estamos colhendo. Forró tem outra cara. As pessoas que achavam brega antigamente, já não acham hoje".

experiência com o Emanuel Gurgel, com o Assis Monteiro, com as pessoas que me abriram as portas... Sempre falo que Deus não dá tudo certo para ajudar ninguém, ele coloca as pessoas certas na sua vida. E dá o caminho. Você segue se você quiser. Aí que se fala que a nossa vida é uma construção que é construída por nós mesmos. Se nós construímos uma casa mal construída, futuramente ela vai cair onde? Na sua cabeça, né? Se você construir bem, você pode passar o resto da vida dentro dela e não vai (*cair*)... Lógico que este lugar (*a sede da A3 Entretenimento*) foi abençoado por Deus. E está sendo.

João Victor – Você falou das mudanças que começou a fazer nas bilheterias dos shows e hoje você é dono e parceiro também de diversas casas de show aqui em Fortaleza. Você acha que, com essa nova estratégia, foi uma forma também de prejudicar os então donos de casas de show?

Isaías – Não. Sabe por quê? Vou lhe explicar o porquê. Sou parceiro do *Kangalha* (*casa de forró localizada na Avenida Washington Soares, no bairro Messejana, em Fortaleza*). Meu trabalho é em função dos meus produtos e dos meus parceiros. Aí eu vou lá com o *Solteirões*. A gente faz R\$100 mil de bilheteria. Você não acha justo ele (*o dono da casa de show*) ficar com R\$50 mil, e eu ficar com R\$50 mil? Concorde? Mas antes não era assim. (*O dono da casa de show*) ficava com R\$80 mil, e eu trazia R\$20 mil. Então prejudicava não era você, era a mim. Eu que dou o CD, eu que coloco ao vivo na rádio, eu que faço a banda, eu tenho as minhas folhas para pagar. Então o prejudicado sempre fui eu, não foi você. Você ficava com o bolo todo, eu rachei o bolo com você. Então, se você tem 50% da bilheteria, vamos supor que são R\$50 mil, e ainda tem o bar. Você sabe que o bar hoje, se eu vender

R\$100 mil (*com a banda*), o bar vende R\$200 mil. Você sabia disso? Você (*dono da casa de forró*) pega R\$100 mil de bebida e sobra R\$100 mil. Ai eu tô levando R\$50 mil e você ficou com R\$150 mil. Não é justo? Acredito que sim. Dá para pagar as despesas da sua casa, de energia, de som e de tudo. Dá para você pagar e ainda ganhar mais do que eu.

Juliana – Você fala que foi aprendendo os macetes dos negócios com o tempo. Você pensa muito nas vendas, nas estratégias do que vende e do que não vende. Explica então por que tradicionalmente a maioria das letras de forró fala em sexo, bebida, mulher? É porque vende mais? É estratégico?

Isaías – A música de duplo sentido entra na cabeça das pessoas mais rápido. Isso é verdade. Mas se eu pudesse hoje fazer, como estou tentando fazer, os CDs iguais ao volume 3 (*do Aviões do Forró*), que realmente são músicas que falam de sentimento, de amor, de paixão... Se você pegar o CD do volume 3 (*lançado em 2005*), com certeza você vai encontrar alguma coisa que lembra a sua vida. A música de duplo sentido é passageira. É bom? É. Por exemplo, essa música “Minha mulher não deixa não” foi um “pimpozão” grande! Mas é uma coisa rápida. Então, assim, realmente o meio consome muito rápido isso daí. Tento acompanhar o que está acontecendo no momento. Porque, se eu não acompanhar, vou ficar para trás. E o meu objetivo não é ficar para trás. Sempre falo: só levo chute na bunda de quem está na frente. Então eu prefiro estar sempre levando pé na bunda, mas que eu esteja na frente.

Igor – Quem é o público de forró hoje?

Isaías – Todo mundo gosta de forró. Todo ser humano.

Igor – Das classes A, B e C?

Isaías – Tudo! (*silêncio*) Tudo, tudo. Porque já toquei em locais que nem imaginei ver gente lá dentro estar. Então, todo mundo.

Juliana – Vamos falar um pouco agora sobre a sua família, Isaías. Em pré-entrevista com a sua mãe, ela disse que o maior desejo dela hoje é vê-lo casado porque, segundo ela, você nem sempre vai tê-la por perto. É possível casar bem tendo a sua profissão?

Isaías – (*Silêncio*). É muito difícil. Vou dizer por quê. Você falou da minha mãe. Se eu pudesse ir primeiro que ela, eu queria ir. Lógico que seria muito ruim para ela. Eu que não me imagino perdendo a minha mãe, não gosto nem de pensar nessa hipótese. Mas tudo bem, todos nós vamos passar um dia por isso, né? Assim... (*Silêncio*) Fui casado por 12 anos e não fui feliz com a mulher. Mas com os meus filhos, sim. Agradeço por ter casado com ela esse tempo todo, até porque peguei experiência, cresci rápido. Hoje tenho um filho que

tenho orgulho de andar com ele (*Anderson, de 17 anos*), e ele comigo. (*Silêncio*) Namorador... Não sei a quem esse menino puxou, acho que foi à mãe dele. (*Risos da turma*). E tenho um filho de 13 anos (*Everton*) e uma filha agora, que, numa noite aí dessas, nasceu (*de três meses de idade*). Eu tinha um sonho de ter filha mulher. Ai a minha amiga inventou de engravidar de mim (*risos da turma*). Realmente eu quero (*casar*), sim. Sempre falo que, com os meus 40 anos, pretendo casar. Ou pode ser até amanhã, quem sabe? Pelo amor de Deus, no meio que eu vivo, aparece muito mulher sem futuro! Muita mulher sem futuro. Só mulher interesseira. Às vezes até aparece mulher que preste, mas você não consegue enxergar. Você já vive tão assustado de mulher sem futuro que, meu amigo... No meio, que não só é o meu meio, viu, do forró, isso aqui está em rave, está em todo canto... Até digo que em forró é menos do que em outros cantos que já fui. Fui para uma rave que, quando dei fé, tomei foi um susto. Todo mundo drogado! Eu corri, fiquei foi com medo. Entendeu? O povo parece que ia morder a gente, de tão louco que estava todo mundo. Então, assim, eu pretendo sim (*casar*), se Deus quiser. Essa é uma resolução da minha mãe, que tem o sonho de que eu case. Até porque (*risos*) eu preciso de alguém em casa.

Roberta – Isaías, você mora com os seus filhos, Anderson e Everton, e com os seus pais. Como é morar com tanta gente em casa?

Isaías – É um sonho que eu tinha, né? De trazer meus pais para perto de mim. Quando entro na porta da minha casa, eu tenho 16 anos. Vinte (*anos*) ficam lá no meu carro. E eu ando com meu filho, na mesma turma dele. Porque, na minha cabeça, não tenho 36 anos de idade. Mas quando estou com gente da minha idade, eu sou adulto. Quando estou com as crianças, consigo ser garoto.

João Victor – E como é que chega para os filhos essa proximidade com o pai?

Isaías – Eu sempre falo que sou tão abençoado que, geralmente, os filhos não gostam de andar com os pais. Concordam? Eles gostam de andar com a turminha deles. Já o meu filho (*Anderson*) faz questão de estar comigo. Sempre chego para tirar papo com o meu filho. Ele não precisa mentir para nada comigo. Eu digo para ele: “Olhe, eu comecei a beber com 27 anos de idade. Não é que você só vá beber com 27 anos não. Se você quiser beber, pode beber. Não é certo. Se você puder beber quando você se formar, seria ótimo”. E isso ele diz para todo mundo: “Se meu pai começou a beber com 27, por que vou beber com a minha idade?”. Então ele não bebe. Passa a noite toda bebendo Red Bull (*bebida energética*). Só tem uma coisa que ele se es-

Isaías nasceu na fazenda Serra das Cobras, localizada na zona rural do município de Santa Quitéria, na região Norte do Ceará, a 238 quilômetros de Fortaleza. A família dele vivia nessa fazenda na condição de caseiros.

Sétimo dos dez filhos de Raimunda Paiva Duarte e Pedro Duarte, Isaías morou com o irmão Juvenal, que já faleceu, no bairro Aerolândia, em Fortaleza.

As bandas das quais Isaías é dono, juntamente com os outros sócios da A3, são: *Aviões do Forró*, *Forró do Muído*, *Forró dos Plays*, *Solteirões do Forró*, *Forró Boca a Boca*, *Forró Pé de Ouro e Caviar com Rapadura*.

pelha muito que é quando eu era danado. Ele gosta muito de namorar. Ele deve ter umas 15 namoradas. Então, acho que ele se espelha em mim nisso. Não acho tão errado não, né? Ele gostar de mulher. Acho não. Ele tem a minha altura já.

Juliana – Mas, Isaías, o seu outro filho, Everton, disse que o seu maior defeito é passar pouco tempo com ele. Você falou que tem todo mundo da família na sua casa, que se sente como se fosse criança. Mas ainda tem a ausência...

Isaías – ... É verdade. Isso eu já venho observando há um tempo e estou tentando recuperar. Como? Eu viajo muito. Estou tentando diminuir. Como não tenho uma namorada certa, isso faz com que eu seja um caçador. Como assim um caçador? "Farreador". (*Silêncio*). Estou tentando consertar. Quando chego em casa, sete horas (*da noite*), oito horas, ele (*Everton*) está dormindo. Quando ele sai, às cinco horas da manhã, eu estou dormindo. Então, realmente, a gente se torna um pouco estranho. Já o outro (*Anderson*), na sexta-feira e no sábado, geralmente ele está comigo. Mas vou tentar recuperar isso com meu filhote.

Igor – Você se considera então um pai ausente?

Isaías – Com o meu filho menor, sim. Mas estou tentando... (*silêncio*) Recuperar isso.

Nayana – Quais são os ensinamentos que você passa para os seus filhos?

Isaías – (*Silêncio*) Acho que tudo de bom que aprendi. Tenho tentado fazer isso. Lógico que nunca vou querer que eles passem 1% do que passei para ser homem, né? Crescer na vida. Mas acredito que os meus filhos vão ser grandes homens. Com certeza.

Mariana – Qual o seu sonho para eles? É vê-los formados ou trabalhando na A3?

Isaías – Sou muito feliz porque meus filhos são muito estudiosos. Nunca ficaram reprovados. Considero até que eles já são homenzinhos. Já são homens. Não são danados, são respeitosos. São os meninos perfeitos. Acho que são perfeitos. Eles podiam até não ser, por causa da minha ausência e tudo.

Igor – Você se arrepende (*de ter viajado tanto enquanto eles cresciam*)?

Isaías – Só não me arrependo porque tinha que fazer isso. Eu tinha que trabalhar para dar o que eles têm hoje. E manter a minha família, né. Porque a minha família é muito grande, e eu sou a coluna de todo mundo. Se eu arriar, todo mundo vem comigo. Então, lá em casa, meus irmãos são pessoas maravilhosas, mas se eu disser: "Vá lá na porta ali!" (*Neste momento, Isaías interrompe a fala e pergunta se a turma se incomoda de ele atender o telefone. Os alunos dizem não se incomodar e ele atende*)... Lógico que se eu tivesse passado

mais tempo com eles (*os filhos*), com certeza seria bom, mas como eu sou sozinho, na verdade... Porque, na minha família, eu sou só. Os meus irmãos são muito... Como é a palavra certa? Eles realmente não conseguiram. Eles não sabem ler. Não sabem escrever. Até teve um que ainda sabe ler, o Luciano. Mas eles nunca procuraram muito. Faço tudo que eu puder por eles. Posso dar o ouro à minha mãe, mas, se eu não der a eles, é mesmo que não dar nada, né? São meus irmãos. Então, em algumas partes, eu os estraguei também.

Juliana – Mas, Isaías, você diz considerar os seus filhos perfeitos, uns homenzinhos. Eles continuariam sendo perfeitos se não quisessem assumir a A3, como você um dia não quis assumir a roça do seu pai, por exemplo?

Isaías – Com certeza! E até se eu puder (fazer com) que meus filhos não venham para cá (A3) seria bom. É como eu disse, com 40 anos quero me aposentar. Quero ter uma qualidade de vida diferente da que eu vivo. Na verdade, hoje vivo nessa correria louca. De noite é na rua, de dia é no escritório, no final de semana é viajando. Então não tenho nem tempo para respirar.

Raiana – Então você preferia que eles não assumissem a A3?

Isaías – Não, vai depender muito deles. (*Silêncio*). É porque o meio do forró é muito bom, mas também é muito sujo. Tem muitas pessoas más. Tem gente que vive mais em função de prejudicar os outros do que fazer o bem. Sou um cara que tenho dificuldade às vezes de me relacionar com as pessoas de tanto o povo falar de mim. Que eu uso droga, e eu nunca nem fumei um cigarro. Que eu bato em mulher, que estupei mulher. É tanto comentário com o meu nome na rua, que às vezes eu me assusto. Coisas absurdas, como o que aconteceu em Itapipoca (*município a 100 km de Fortaleza*), que espancaram um cara lá, foram para a televisão e disseram que fui eu. Que seguraram o cara, que eu bati no cara (*gesticula as mãos produzindo um som de tapa*). Quando nada disso (*aconteceu*)... Corre de ouvido. Mas o povo tenta me queimar de qualquer jeito. Às vezes, até fico pensando: "Por quê?". Não faço mal a uma barata. Mas acho que tudo na vida tem um preço, né?

Juliana – Isaías, se tudo na vida tem um preço, qual é o preço de ter tanto dinheiro? Você se considera rico?

Isaías – (*Silêncio*) Não, deixei de passar fome. Acho que a maior riqueza é a nossa saúde, né? Lógico que de onde eu vim, para onde estou hoje, sou uma pessoa que vive bem. Graças a Deus que posso dar uma qualidade de vida melhor para a minha família. Gosto muito de ajudar as pessoas. Eu me considero

A banda *Aviões do Forró* é o carro chefe da A3 *Entretenimento*, ou seja, é a principal banda que a empresa tem. Ela foi formada em 2002 e atualmente é uma das bandas de forró mais conhecidas do Brasil.

“A gente sempre trabalhou para fazer da *Aviões do Forró* uma banda grande mesmo. A *Aviões* é uma coisa de Deus, que não tem explicação”.

uma pessoa (do) bem.

Igor – Você falou que o dinheiro lhe trouxe coisas boas. E o que o dinheiro trouxe de ruim para a sua vida?

Isaías – O dinheiro (*silêncio*)... É 100% mais para coisas ruins do que para boas. Com o dinheiro, você deixa de conhecer as pessoas. Não consegue mais saber quem é quem. O dinheiro atrai inveja. Tudo o que você possa imaginar de ruim o dinheiro traz. Lógico, ele dá momentos bons. Mas a melhor coisa da sua vida ele não dá, que é a sua saúde, que é o seu amigo verdadeiro, que é o amor verdadeiro... Não livra da morte. Porque se dinheiro fosse tudo, eu daria tudo o que tenho para a saúde do meu pai e para a felicidade da minha mãe. O que é que a gente pode fazer? Pagar os remédios do meu pai, porque não são baratos (*o pai de Isaías sofre de Alzheimer*). Ter uma condição de vida boa... Cuidar de minha mãe, dos meus irmãos, dos meus filhos. Dar um bom colégio para os meus filhos, já que eles (*os pais de Isaías*) não tiveram condições de dar para a gente. Isso daí o dinheiro faz. Mas as coisas principais da nossa vida ele não dá. Felicidade não tem preço.

Mariana – E hoje, você numa condição de vida boa, olha para trás e vê aquele menino que chegou a trabalhar muito. O que passa

pela sua cabeça?

Isaías – A ficha não cai. É como se eu continuasse tomando conta do que é dos outros. Prefiro ser assim. Isso não sobe na minha cabeça não.

Ranniery – Você se considera um homem de sorte ou você acha que tudo o que você conseguiu na vida foi fruto do seu trabalho?

Isaías – Um homem abençoado por Deus, que é o mais importante. Porque, amigo, chegar aonde cheguei com tantas pedras como encontrei pelo caminho, só Deus!

Raiana – Você falou que o dinheiro não dava as coisas principais, as coisas boas: o amor, a felicidade. Então como é que você vai atrás dessas coisas que, para você, são essenciais e o dinheiro não pode lhe prover?

Isaías – Eu não vou atrás. A gente tenta viver, lógico. Porque se você não viver... Minha mãe tem o sonho que eu case. Acho que a mulher da minha vida algum dia vai aparecer. Ela vai cruzar na minha vida, não vai? Então não adianta procurar. Você sabe que não posso sair procurando uma mulher para me casar como se procura um objeto. Então, sempre falo: vou acertando com as erradas até acertar a que seja da minha vida, né? É isso aí. Tento ser feliz do meu jeito.

Juliana – Isaías, tem um ponto que não po-



Durante a entrevista, o celular de Isaías não parou de vibrar, já que estava no silencioso. Pedro, que estava perto de onde os celulares vibravam, disse que era a mesma pessoa que ligava o tempo todo.

Apesar de ter tocado várias vezes, ele atendeu ao celular apenas uma vez durante a entrevista. Isaías chamava a pessoa de “bebê”.

Durante a entrevista, várias pessoas abriram a porta da sala de reunião. Em uma das vezes, quem abriu foi Alexandre, vocalista da banda *Aviões do Forró*. Ao vê-lo, o aluno Pedro não poupou alegria.

demos deixar de tocar nesta entrevista que é a respeito de algumas polêmicas. Um exemplo é a do Blog Cabaré do Timpin (<http://musica-originalbrasileira.blogspot.com>), que você já citou anteriormente, sobre você ter agredido um segurança numa festa. Em entrevista ao jornal O POVO, ao ser questionado sobre se você tinha conhecimento sobre essas acusações, você respondeu: "Esse daí acaba comigo na Internet e fica p... porque não respondo nada". A nossa pergunta é: por que você não processa o blog se o que ele diz é mentira?

Isaias – Meu amor, tem certas coisas que são pequenas e que, se você for dar valor, elas vão ficar deste tamanho (*ergue os braços o mais alto que pode*). É eu pegar esse cara e colocá-lo onde estou. É melhor deixá-lo onde está, porque pouquíssimas pessoas sabem disso. Tenho um grande defeito que não sei se é uma qualidade: se estou numa festa, bebendo com vocês, armam uma confusão com vocês, não há perigo que eu não vá me meter. Aí vai sobrar para quem? Para mim. Nunca agredi ninguém. Acho que me envolvi em umas cinco ou seis confusões, mas foi sempre pelos outros. Sempre para defender os outros. Não foi comigo.

Igor – Outra polêmica foi publicada pelo Portal Campina FM (*portal de notícias da rádio Campina FM, de Campina Grande, na Paraíba*), em 19 de maio de 2008. O Portal disse que você e o Wesley Safadão (*vocalista da banda de forró Garota Safada*) se desentenderam durante um show. O que foi que aconteceu nessa noite?

Isaias – Não, o que aconteceu entre mim e o Wesley Safadão é que a *Garota Safada* (*banda de forró criada em Fortaleza, que, atualmente, é uma das maiores concorrentes da Aviões do Forró*) estava tocando no *Forró no Sítio* (*casa de forró pertencente a Isaias e aos outros sócios da A3, localizada no município de Eusébio, na Região Metropolitana de Fortaleza*) e, na época, eu tinha vendido o Wesley para o Luan (*dono da empresa Luan Promoções, para quem Isaias vendeu a banda Garota Safada*). A *Garota Safada* já foi minha. Tenho 20% (*do que eles ganham*) em shows no Ceará. E ele estava soltando piada com uma das pessoas que trabalhavam aqui (*na A3*). Na hora, mandei-o descer do palco. Como é que ele estava dentro da nossa casa (*Forró no Sítio*), soltando piada da nossa empresa? Acho que ele fez 20 ou 25 minutos de show. Falei que, se ele não descesse, eu ia lá e desligava o som.

Juliana – Em relação à questão dos direitos autorais. Tem o caso do sucesso "Minha mulher não deixa não", que foi tocada pela *Garota Safada* e pela *Aviões do Forró*. Afinal, de quem é essa música e por que ela foi toca-

da pelas duas bandas?

Isaias – Essa música sempre foi do... Que sofreu um acidente agora? Do... Reginho (*cantor da banda Grupo Reginho & Banda Surpresa*)! A música sempre foi dele. Mas o Reginho autorizou essa música para a *Aviões do Forró* tocar. É tanto que eu fui para o *Big Brother* (*reality show produzido, no Brasil, pela Rede Globo de Televisão*), cheguei lá e não ia cantar a música. Mas o cara (*Reginho*) brigou para cantar a música, que a responsabilidade era toda dele. E a gente tocou. Então, o Reginho autorizou para a *Aviões* tocar, não autorizou para a *Garota* (*Safada*) tocar.

Raissa – Você disse que é um cara que não leva desaforo para casa. Isso junto com dinheiro e poder não leva a algum caminho errado?

Isaias – Não. Se você disser alguma coisa que eu não sou, vou tentar dizer que você está enganada. Não que eu vá lhe agredir. Acho que, quando digo que não levo desaforo para casa, é porque não sou muito de ser acusado de uma coisa que não faço. E, se eu não fiz, não tenho por que aceitar você falar. Vou me defender. Agora, se eu estiver num canto, e o cara vier bater em mim, não vou apanhar com os braços cruzados, concorda? Graças a Deus que nunca ninguém bateu em mim.

Igor – Como você se cuida para não deixar as bandas caírem?

Isaias – Eu tento manter. Sempre falo que acho que a *Aviões* tinha que chegar onde chegou. Aliás, chega gente aqui e diz: "Rapaz, a *Garota Safada* passou da *Aviões*!". "Passou o quê, homem! A *Aviões* chegou onde tinha que chegar. A *Garota* está trabalhando para chegar aqui onde a *Aviões* chegou! Como eu vou trabalhar um *Solteirões* (*do Forró*) para ser uma *Garota Safada*, um *Muído*..." A única coisa que quero, meu filho, é manter o que

"Tento acompanhar o que está acontecendo no momento. Porque, se eu não acompanhar, vou ficar para trás. E o meu objetivo não é ficar para trás".

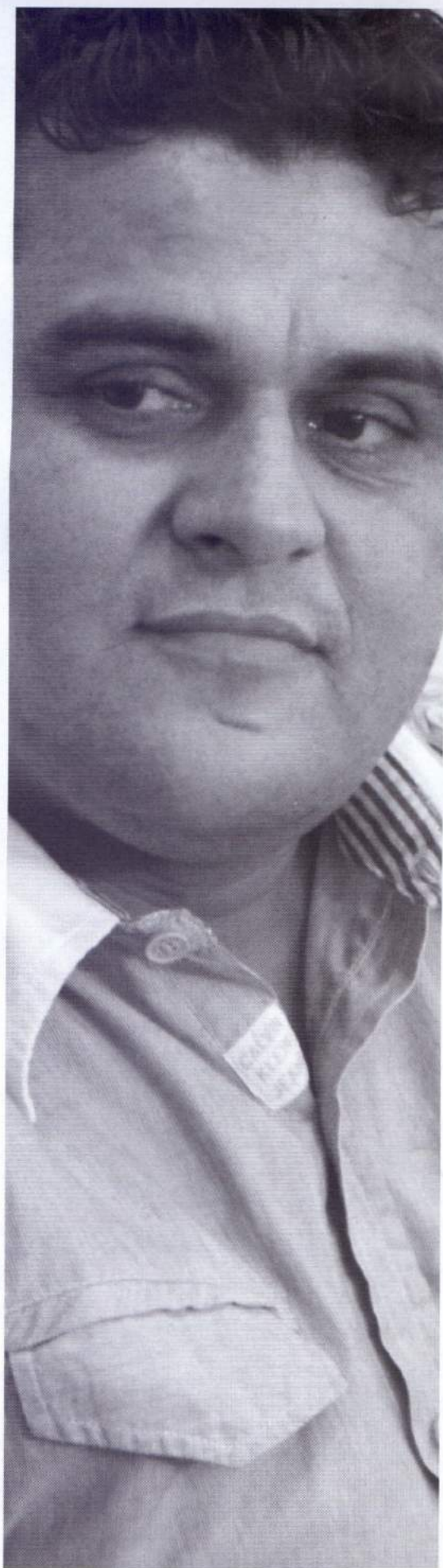
Na entrevista, Isaias levantou da cadeira uma vez para contar uma história. Em vários momentos, o entrevistado atribuiu tudo de bom que conquistou na vida a Deus.

“No meio que vivo aparece muito mulher sem futuro! Só mulher interesseira. Às vezes até aparece mulher que preste, mas você não consegue enxergar”.

Deus me deu. Eu mantendo isso aqui por um ano, dois anos, três anos... Está ótimo! A minha preocupação é zero de que amanhã alguém seja maior do que a A3 ou maior do que a *Aviões*.

Juliana – Questionado sobre o seu maior defeito e a sua melhor qualidade, em pré-entrevista, seu filho Enderson respondeu: “A qualidade do meu pai é ser bom demais. O defeito do meu pai é ser bom demais. Ele ajuda todo mundo. Não é deixar de ser bom, mas ele precisa ter um pé na frente e outro atrás porque você com os pés juntos é mais fácil de levar rasteira”. A partir do que ele disse, a gente faz a última pergunta: você se considera uma pessoa generosa?

Isaías – (*Silêncio*) É verdade, eu tenho um defeito muito grande: não consigo dizer “não”. Aqui na empresa, a pessoa que mais estraga os funcionários sou eu. Isso é o que meu sócio mais me mata aqui. É verdade. Aqui, todo dia, se a pessoa precisa de uma coisa, outra aquilo, aí alguém erra... Aí meu sócio coloca para fora, vem a família e eu coloco (*o funcionário*) de novo. (*Risos da turma*). Estou tentando realmente agir mais com razão do que com coração. Porque nem todo mundo merece que você dê duas chances, três chances. Uns são mesmo cara de pau. Mas eu não me arrependo não. Porque, quando alguém me procura, eu não consigo dizer “não”, porque fico pensando: “Será que é uma provação de Deus para ver se eu mereço isso aqui mesmo?”. Aí vou e ajudo, mesmo que seja errado, estou ajudando. Se eu lhe ajudar e você pegar aquilo que eu fiz para você e usar contra mim, acho que aquilo vai ser ruim é para você, não é para mim. Eu fiz a minha parte, concorda? Então meu filho que convive muito comigo vê que eu faço muito e sou pouco reconhecido. Pode ser que tenha sido isso.



Sempre que mencionava alguma música de forró antiga, Isaías cantava um trecho e perguntava se os estudantes conheciam. Alguns alunos confessaram nunca ter ouvido antes.

Ao todo, em duas horas de entrevista, foram registradas 153 intervenções dos alunos, entre perguntas e colocações. O maior número de perguntas foi de Igor e de Juliana, da equipe de produção.